

# Jornal do Professor Adufg

PUBLICAÇÃO DO SINDICATO DOS DOCENTES DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DE GOIÁS - ANO III- Nº 23 -JUNHO/JULHO DE 2015

## EDITORIAL

### “Presidenta arrocho” e as forças ocultas

É muito significativo que o Ministério do Planejamento faça-nos uma proposta atípica de reajuste salarial, por um período de quatro anos. O mandato de dona Dilma termina em dezembro de 2018. Em março de 2019 já será outra pessoa. Talvez a “presidenta arrocho” esteja articulada com as forças ocultas e quer deixar o terreno pavimentado para o sucessor. Como a presidenta está na corda bamba, ela precisa agradar e adular as forças ocultas. São eles que balançam a corda.

A “presidenta arrocho” patina no meio do noticiário nacional. A cada dia, mais uma nova revelação de escândalos e nomes de proeminentes personagens da nossa política nacional sendo citados como favorecidos por propinas. Alguns dos nossos colegas, do lado de cá, da chamada esquerda, esbravejam dizendo que há uma conspiração dos setores conservadores contra as forças populares. Pode ser verdade, porém, os nossos camaradas, não tinham o direito de chafurdar-se na lama em tantas e tantas falcatruas.

Antes, os nossos camaradas combatiam com veemência os corruptos conservadores e propunham-se, caso governassem, realizar uma nova forma de gerir os bens do estado. No poder, os nossos camaradas, protagonizaram tantas e boas, que é impossível defendê-los, mesmo sabendo que os conservadores aproveitam da situação para tentarem um terceiro turno, na base do tapetão. Pior, motivos não faltam. Os nossos camaradas atolaram-se até o pescoço na lama dos mal feitos.

A “presidenta arrocho” durante a campanha falou que “nem que a vaca tussa” ia fazer o arrocho. Imediatamente eleita, surrupiou as propostas do candidato adversário e aplicou-as, sem pudor. Cortou com faca afiada o orçamento da Educação. Agora avança para cima de nós professores. Fizeram-nos uma proposta de reajuste salarial que sequer cobre as perdas inflacionárias. Talvez seja mais um agrado às forças ocultas, aqueles que balançam a corda.

Parece uma punição!

#### Contato com a redação

(62) 3202-1280

jornaldoprofessor@adufg.org.br

Fotos: Fábio Alves



## INTOLERÂNCIA

### Ação de padre gera mal estar na Emac

Processo judicial de padre goiano contra o grupo Teat(r)o Oficina, do diretor José Celso, gera críticas de professores das artes cênicas.

Página 15

## Greve deve parar UFG

Docentes suspendem atividades em agosto

Pior cenário pode se configurar no 2º semestre

Momento é de engrossar as mobilizações

Páginas 8, 9 e 10



FLÓRENCE FAGANELLO - A professora da Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD) fala do renascimento da pista de atletismo

Página 13

## Estresse docente

Docência tem diversas fontes de estresse, que podem levar ao adoecimento mental. Emílio Facas, da Faculdade de Educação (FE), fala da relação entre as atividades do professor e as patologias da mente.

Página 11

### GIZELDA TAVARES

### A matriarca do Instituto de Química

Página 16

### OPINIÃO

Avaliação da carreira, por Jefone Melo

Página 3



Romualdo  
Pessoa\*

## O mal da universidade: a normose

Já abordei em meu blog os mecanismos que impõe uma camisa de força aos que porventura tentarem optar por fazer da atividade docente um estímulo à criatividade, ou a garantir que, com liberdade de cátedra, possamos sentir o prazer de inovar, criticar e produzir fora das chatices que nos impõe a rigidez das regras capesianas. Podemos lidar com novas formas de conhecimento, que refletem a amplitude que deve ter em sua totalidade, ao invés da fragmentada “renovação” pós-moderna, que nos enfiaram goela abaixo os neoliberais que deformaram essa instituição. Tornamos-nos “especialistas” numa sociedade onde a maioria, de forma obtusa, imagina saber de tudo. E, paradoxalmente, essa mesma sociedade não nos vê como doutores. “Doutores” são outros.

Esses mecanismos não foram introduzidos de forma aleatória. Isso acompanhou toda uma transformação que levou a todos os cantos do mundo – ou a quase todos – a onda da globalização. Era preciso inserir, dentro da estrutura formadora da “inteligência”, elementos ideológicos que criassem uma geração de novos cientistas, adaptados a uma era movida a tecnologias cada vez mais sofisticadas. A técnica passou a ser o suprassumo que justificava principalmente a transformação da sociedade de rural em urbana. E acompanhada de tecnologias que nos tornassem dependentes cada vez mais dos objetos e de uma ideologia que não implica esses novos comportamentos.

Ao contrário, os deslumbramentos gerados por essas mudanças viriam a tornar as novas gerações mais do que receptoras das ideias desse “novo mundo”, eles se tornariam preceptores, espécies de vigilantes do sistema. A universidade não poderia ser local mais adequado para criar esses novos modelos de jovens pesquisadores, adestrados e adequados a uma lógica neoliberal, escorada no tripé: competência, produtividade e dedicação. A vida passava a ser adaptada a um novo modelo, cartesiano, produtivista e quantitativista. Uma vitória do positivismo.

O sucesso seria acompanhado de números e estatísticas comprobatórias do que seria você nos últimos cinco anos. E seria preciso, a partir de então, reinventar-se a cada ciclo, para não ser ultrapassado numa corrida cuja disputa só nos leva a um pódio, o do primeiro lugar. A competição passou a ser o motor desse novo modelo, mas a ausência de conteúdo e os limites da busca pelo novo, já que o sistema engessa a criatividade, afastou gradativamente a universidade da sociedade, tornando-a uma redoma, cada vez mais insensível aos problemas sociais. A não ser pelo quantitativismo das análises estatísticas, devidamente comprovadas pelos argumentos de autoridades. Passou-se a repetir, por necessário, o que outras eminências já

havam dito, e assim sucessivamente. Criatividade, quase zero. Mas isso se tornou suficiente para criar “escolas” e a servir-se a si mesmo, enquanto grupos que se bastam, e que repetem seus fundamentos, enchem-se de vaidades e deslocavam-se em trocas de indicações por ambientes em que se tornam repetitivas as suas presenças. Isso, no entanto, infla o ego e os faz imaginarem-se superiores em suas limitações fragmentadoras.

A maior perversidade, no entanto, é a destruição da história. A onda arrebatadora que pretendia uniformizar o mundo culturalmente, ou o consenso que se tentava impor por todos os cantos, precisava negar tudo o que significava a vida em processo. Com começo, meio e fim. E mais, que os fatos não se explicassem por suas causas, mas pela eminência do que eles poderiam representar no futuro. Mesmo que esse seja, como de fato o é, uma ilusão.

Nessa confusão pós-modernista pouco valor se passou a dar ao que construía nossa vida, ao que explicava o que somos, e a soma-tória de valores que conseguimos construir por décadas e séculos. O conhecimento passou a ser conduzido por aqueles que buscavam impor essa nova ideologia, e a se limitar às fronteiras do específico, abolindo a totalidade. Era satisfatório tornar-se autoridade em um assunto limitado, muitas vezes buscando-se explicá-lo por si próprio, completamente desprovido de dialética, portanto, alheio às contradições. Esse tipo de conhecimento encerra-se em si mesmo, é fragmentado e fragmenta-se cada vez mais na sequência da aderência de novos discípulos, que devem seguir disciplinadamente seus orientadores. Pode até mesmo dialogar com os mesmos, mas jamais contrariá-los, pois serão destruídos com o velho argumento da autoridade.

A história tem sido negada permanentemente desde que o neoliberalismo se espalhou pelo mundo. E a onda tecnológica, de informações rápidas e resumidas, essência da globalização, produziu uma geração de estúpidos com comportamentos de gênios. Vaidosos, pelo domínio de conhecimentos compartimentados, fragmentados, assumem-se como competentes em seguir rigidamente as regras que lhes são impostas. Isso garante a ascensão na carreira e a condução para um novo patamar de melhores salários, tudo isso resumido em impiedosos adjetivos: competitividade e mérito. É a absoluta vitória da essência do sistema capitalista, a meritocracia como condição de nos elevarmos a posições de destaques e de melhorias sociais. Os que assim não agirem, de forma a atingir esses píncaros da glória, amargarão eternamente a pecha de incompetentes e de acomodados – e por aí se justificam as desigualdades sociais. Muito embora alguns desses carreguem em

suas histórias trajetórias que valem muito mais do que as estatísticas quantitativas de produções mediocres. Ou até mesmo de alguma validade, mas que não são compreensíveis dentro de uma noção que nega o processo que a torna parte de um mundo muito mais abrangente.

A posição crítica, firme, a essa mesmice, não significa negar a importância da universidade como produtora do conhecimento, da pesquisa e da formação profissional. Mas de uma universidade que não se descole da sociedade, e que contribua com esta na correção de rumos que aponta a humanidade para um futuro de relações frias, cada vez mais individualistas, porque assentadas na competição. Uma universidade que resgate a capacidade de discutir e debater os problemas sociais não somente identificando as causas de seus desvios sociais, econômicos, éticos e morais, mas apontando, concretamente, formas de romper com o que se apresenta como nosso destino, disseminado por um ideólogo conservador, pelo qual estaríamos fadados a ver no capitalismo o fim da história. Por uma universidade viva, que não tolha a liberdade de pensamento e a criatividade dos que desejem inovar e produzir de acordo com as metodologias que lhes convier, e não somente aquelas apontadas e indicadas por supostas cabeças ilustres e especialistas que buscam uma visão cada vez mais limitada de seus próprios umbigos. Fecham-se em copas e refugam o novo, a novidade, a crítica e a capacidade de compreender a vida como um processo contínuo e dialético. Aliás, até a própria dialética tem sido questionada como um método de produção do conhecimento.

Vivemos um momento de desesperanças e diante de uma crise que afeta o sistema capitalista em todo o mundo, sem muitas perspectivas que não as guerras. Vivemos na universidade numa posição de conforto. Percebo que precisamos muito mais do que um mero perfil acadêmico, que segue imposições neoliberais, disputando a biceps espaços demarcado pelo produtivismo estéril. Reflito e prefiro retornar ao ambiente que me formou, abdicando de me consumir pela neurastenia que tem impregnado a universidade, cuja patologia já tem até um nome, normose, pela qual os indivíduos adquirem de forma doentia aos valores que se apresentam na sociedade, sem questioná-los, e a incorporarem como normais. Eu diria que esse é o caminho que a sociedade tem tomado, além de adquirir outra enfermidade mais perversa, que acomete o sistema cerebral dos indivíduos e os faz esquecer-se de quem é e de seu passado. A isso eu dei um nome: “mal de Alzheimer social”. Apaga-se a História, nega-se o passado, fragmenta-se o presente.

\* Professora Iesa - UFG



Jefone de  
Melo Rocha\*

## Os docentes e seus sindicatos

nível 1 (interstício de dois anos). O especialista não tem aceleração da promoção.

Ou seja, sem o título de doutor – caso excepcional do docente que entra como especialista – o caminhar na carreira é muito lento, sem contar que o professor fica retido na Classe C, nível 4 (Adjunto 4). Portanto, com o advento da nova carreira, em pouco tempo – mais ou menos 5 anos – todos os docentes das Ifes serão doutores. O estímulo financeiro para fazer doutorado não existe mais. O docente sabe perfeitamente que, sem doutoramento, não conseguirá chegar à Classe D (Associado) e, por consequência, à Classe E (Titular). Talvez o melhor para os professores da ativa é a incorporação da RT no vencimento básico nos próximos 5 anos. E onde ficam os atuais aposentados?

Com base na expectativa de vida no Brasil (aproximadamente 75 anos), dentro de 10 anos muitos (infelizmente) dos velhos (as) professores

básicos (VB) e a RT a partir de 01/03/2015.

Se somarmos o VB mais a RT de um docente titular doutor no regime de DE, o seu salário será de R\$ 17.057,74. A soma do VB mais a RT de um docente titular mestre será de R\$ 10.312,48. Ou seja, um docente titular doutor ganha R\$ 6.745,26 a mais que um docente titular mestre. Muitos docentes titulares com doutorado possuem anuênios. Mas se compararmos o salário de um professor que será titular daqui 15 anos (sem anuênios), com um professor aposentado que tem 25 anuênios (os atuais aposentados possuem menos de 25 anuênios), teremos: 25% do VB (R\$ 6.684) é igual a R\$ 1.671. Mesmo assim, o titular com doutorado percebe R\$ 5.074,26 a mais do que o titular mestre. Se a comparação for feita entre um titular doutor e um professor titular especialista aposentado, o abismo é igual a R\$ 8.877,84.

Veja que, no caso dos professores da Classe C, nível 4 (Adjunto 4), a diferença do doutor para o mestre é de R\$ 3.346,25. Os professores aposentados Adjunto 4 (atuais C4), aposentaram-se no topo da carreira, pois não existiam os quatro níveis da Classe D (Associado). A diferença entre o Adjunto 4 e o Associado 1 é de mais de 20% no vencimento. Veja que o Associado 1 (sempre doutor) percebe R\$ 13.914, enquanto que o Adjunto 4 doutor aposentado percebe R\$ 10.952, e o mestre R\$ 7.605.

Estes exemplos mostram o abismo salarial criado contra os professores aposentados pelo governo e, ao que parece, não observados com clareza pelos nossos representantes: Andes e Proifes. Os nossos sindicatos, infelizmente, possuem os vícios do sindicalismo brasileiro, em que prolifera o componente partidário e ideológico, com patrulhamento, turismo sindical e peleguismo. De um lado, propostas elaboradas por partidos ou grupos ideológicos radicais, cujo objetivo é instabilizar o governo, qualquer que seja

ele; de outro, propostas que agradam muito mais ao governo. As bases não participam efetivamente da elaboração das pautas: só são consultadas em assembleias que simplesmente ratificam propostas vindas de cima. Hoje, o assembleísmo existe com a única finalidade de homologar decisões já tomadas pelo sindicato nacional. A maior parte dos docentes não participa dessas movimentações porque tem de cumprir suas obrigações de ofício, ministrar aulas, produzir conhecimento. Precisamos de sindicatos locais fortes e ricos, altamente politizados, que abriguem todas as correntes do pensamento e que estejam ligados a uma federação que não seja marionete de partido ou grupo ideológico. Sem uma federação ou sindicato nacional com uma visão moderna de sindicalismo, não atingiremos os nossos objetivos. Será o movimento docente independente, gestado na UFGM e na UFSC (nem Andes, nem Proifes), tem uma proposta moderna de sindicato?

\*Professora do ICB e presidente da Comissão Permanente de Pessoal Docente (CPPD), da UFG

### VENCIMENTOS DOS DOCENTES TITULARES EM REGIME 'DE'

Titulação	Vencimento básico (R\$)	Retribuição por titulação (R\$)
Graduado	6.684,00	-
Aperfeiçoamento	6.684,00	937,46
Especialista	6.684,00	1.495,90
Mestre	6.684,00	3.628,48
Doutor	6.684,00	10.373,74

### VENCIMENTOS DOS DOCENTES DA CLASSE C, NÍVEL 4 (ADJUNTO 4) EM REGIME 'DE'

Titulação	Vencimento básico (R\$)	Retribuição por titulação (R\$)
Graduado	5.104,69	-
Aperfeiçoamento	5.104,69	466,35
Especialista	5.104,69	812,88
Mestre	5.104,69	2.501,25
Doutor	5.104,69	5.847,50

(as) aposentados (as) não estarão entre nós. Provavelmente, mais de 90% dos aposentados serão doutores e o governo terá que arranjar um outro mecanismo para evitar o reajuste de seus vencimentos. Será criada a RT para pós-doutores, ou estágio sênior, gratificação por tese inédita, ou uma nova GED. O arrocho salarial via RT contra os professores que tiveram papel fundamental na fundação e consolidação das universidades públicas federais, é de uma perversidade imensa. Se os nossos velhos e bravos aposentados não tivessem trabalhado com determinação e muito amor, as universidades não existiriam para gerações atuais e futuras.

Tendo justificadas as reclamações dos atuais docentes aposentados, passamos à análise do que está acontecendo. Vamos mostrar a diferença entre os salários dos professores aposentados, decorrentes da aplicação da RT. Os vencimentos dos professores titulares no regime de 40 horas DE (dedicação exclusiva) e dos docentes da Classe C, nível 4 (Adjunto 4), também no regime de DE, por exemplo. A tabela visualiza os vencimentos



## Projetos retomam atividades em agosto

O Coral Vozes da Adufg entra em recesso comemorando os resultados do primeiro semestre de 2015. A agenda de apresentações foi intensa e a última participação oficial foi na abertura da V Mopesco, evento da Faculdade de Enfermagem da UFG, realizado em no dia 19 de junho (veja fotos).

Em maio o Coral Vozes da Adufg realizou o I Encontro de Corais que contou com realização de oficinas, do I Sarau com artistas convidados e o lançamento do Manual Prático para coristas e corais.



## Representantes de sindicatos visitam Adufg



Representantes dos sindicatos dos docentes da UnB, UFMG e UFSC visitaram as sedes administrativa e campestre da Adufg Sindicato nos últimos dias 26 e 27 de junho. Os professores da Adunb, Apubh e Apufsc foram recebidos pela diretoria da Adufg Sindicato, que conduziu uma reunião para discutir a carreira docente.

Participaram da mesa de discussão o vice-presidente, Daniel Christino, e os diretores Ana Christina Kratz, Thyago Carvalho Marques, Edsaura Maria Pereira, Bartira Macedo, Peter Fischer e Maria Auxiliadora de Andrade Echegaray.

## Cuide da sua saúde nas férias

O Espaço de Saúde da Adufg Sindicato está a todo vapor! Agende seu horário para aulas de Pilates, RPG, Nutrição e Fonoaudiologia. O Espaço funcionará normalmente no mês de julho. Anote: (62) 3202-1280 e saude@adufg.org.br

## Novo site da Adufg Sindicato facilita acesso ao conteúdo

O novo site da Adufg Sindicato está no ar desde o dia 01 de junho. Visualmente mais limpo, as imagens e fontes são maiores e estão espaçadas, de forma a simplificar o alcance do conteúdo desejado.

O site é compatível com a linguagem de tablets, iPhones e Smartphones. A mudança foi planejada com objetivo de aprimorar os meios de comunicação entre o sindicato e os professores filiados.

18ª Diretoria Executiva  
Sindicato dos Docentes das  
Universidades Federais de Goiás

Flávio Alves da Silva  
Presidente

Daniel Christino  
Vice-presidente

Edsaura Maria Pereira  
Diretora Secretária

Bartira Macedo  
Diretora Adjunta Secretária

Anderson de Paula Borges  
Diretor Administrativo

Thyago Carvalho Marques  
Diretor Adjunto Administrativo

Ana Christina de Andrade Kratz  
Diretora Financeira

Luciana Aparecida Elias  
Diretora Adjunta Financeira

Peter Fischer  
Diretor para Assuntos dos  
Aposentados e Pensionistas

Maria Auxiliadora de  
Andrade Echegaray  
Diretora Adjunta para  
Assuntos dos Aposentados  
e Pensionistas

## Jornal do Professor

PUBLICAÇÃO DO SINDICATO  
DOS DOCENTES DAS  
UNIVERSIDADES  
FEDERAIS DE GOIÁS

ANO III - Nº 23  
JUNHO/JULHO DE 2015  
Editor e idealizador do projeto  
Prof. Juarez Ferraz de Maia

Editora responsável  
Alessandra Faria (JP01031/GO)

Editor e repórter  
Macloys Aquino (FENAJ 02008/GO)

Diagramação  
Bruno Cabral

Repórter  
Fábio Alves

Publicação mensal

Tiragem  
3.000 exemplares

Impressão  
Cegraf UFG

Contato  
jornaldoprofessor@adufg.org.br

9ª Avenida, 193, Leste Vila  
Nova - Goiânia - Goiás

Fone: (62) 3202-1280  
Produção e edição  
Assessoria de Comunicação  
da Adufg Sindicato

## Sabadart Junino é sucesso

Mais de 300 pessoas, dentre docentes e seus familiares, se divertiram no Sabadart Junino, na sede campestre da Adufg Sindicato, no último dia 27 de junho. Sucesso absoluto.



Fotos: Fábio Alves

# Adufg prestação de contas

Abril de 2015

1- Arrecadação, Rendimentos Financeiros e Outros	
1.1- Contribuição Filiação - Mensalidades	240.924,37
1.2- Ingressos, Eventos e Festas	2.552,50
1.3- Receita com Pró Labore Seguro de Vida	1.726,55
1.4- Receitas Financeiras Líquidas	0,00
1.5- Outras Receitas	2.335,50
1.6- Resgate de aplicações financeiras	0,00
<b>Total R\$</b>	<b>247.538,92</b>

2- Custos e Despesas Operacionais	
2.1- Despesas com Pessoal	
2.1.1- Salários e Ordenados	29.311,31
2.1.2- Encargos Sociais	28.642,21
2.1.3- Seguro de Vida	361,54
2.1.4- Outras Despesas com Pessoal	6.892,86
2.1.5- Ginástica Laboral	788,00
2.1.6- Repasse do empréstimo de funcionários	400,05
2.1.7- Férias, 13º salário e Rescisões	0,00
2.1.8- PIS s/ Folha de Pagto.	620,11
<b>Total R\$</b>	<b>67.016,08</b>

2.2- Serviços Prestados por Terceiros	
2.2.1- Cessão de Uso de Software	1.623,57
2.2.2- Despesas com Correios	454,73
2.2.3- Energia Elétrica	2.219,73
2.2.4- Honorários Advocatórios	7.920,00
2.2.5- Honorários Contábeis	2.758,00
2.2.6- Locação de Equipamentos	568,65
2.2.7- Serviços Gráficos	253,00
2.2.8- Honorários de Auditoria	1.056,90
2.2.9- Tarifas Telefônicas e Internet	2.509,00
2.2.10- Conf. de Faixas/Adesivos/ Banner	3.312,00
2.2.11- Hospedagem e manutenção de site	240,69
2.2.12- Vigilância e Segurança	470,25
2.2.13- Comunicação/Rádio/TV/Jornal	4.560,00
2.2.14- Honorários Jornalísticos	0,00
2.2.15- Serviços de Informática	1.000,00
2.2.16- Outros Serviços de Terceiros	3.468,20
2.2.17- Água e Esgoto	274,00
<b>Total R\$</b>	<b>32.688,72</b>

2.3- Despesas Gerais	
2.3.1- Combustíveis e Lubrificantes	2.505,31
2.3.2- Despesas com Coral	1.725,25
2.3.3- Diária de Viagens	3.062,10
2.3.4- Tarifas Bancárias	128,29
2.3.5- Lanches e Refeições	1.038,47
2.3.6- Quintart	8.795,02
2.3.7- Patrocínios e doações	2.393,25
2.3.8- Manutenção de Veículos	4.203,38
2.3.9- Festas/Reuniões	793,65
2.3.10- Passagens Aéreas e Terrestres	354,01
2.3.11- Gêneros de Alimentação e Copa	733,61
2.3.12- Despesas com a Sede Campestre	2.563,59
2.3.13- Hospedagens Hotéis	407,00
2.3.14- Material de expediente	782,22
2.3.15- Festa Final de ano e natalinas	0,00
2.3.16- Outras despesas diversas	5.082,90
2.3.17- Manutenção e Conservação	1.802,37
2.3.18- Homenagens e Condecorações	180,00
2.3.19- Despesas com Sede Adm. Jataí	719,47
2.3.20- Despesas com curso de inf. para aposentados	0,00
2.3.21- Despesas com construção Sede Campestre	0,00
2.3.22- Cópias e autenticações	73,10
2.3.23- Sabadart Jataí	0,00
<b>Total R\$</b>	<b>37.342,99</b>

2.4- Despesas Tributárias e Contribuições	
2.4.1- IR s/ Folha de Pagto	2.702,38
2.4.2- CUT-Central Única dos Trabalhadores	0,00
2.4.3- Profões-Fórum de Professores	21.684,31
2.4.4- Outras Desp. Tribut. e Contribuições	1.502,76
<b>Total R\$</b>	<b>25.889,45</b>

2.5- Repasses e Aplicações	
2.5.1- Repasse para C/C Fundo Social	0,00
2.5.2- Aplicação CDB	0,00
<b>Total R\$</b>	<b>0,00</b>

**Total Geral dos Custos e Despesas Operacionais R\$** 162.937,24

**3- Resultado do exercício 04.2015 (1-2)** 84.601,68

4- Atividades de Investimentos	
4.1- Imobilizado	
4.1.1- Construções e Edificações	0,00
4.1.2- Máquinas e Equipamentos	0,00
4.1.3- Veículos	0,00
4.1.4- Móveis e Utensílios	988,00
4.1.5- Computadores e Periféricos	0,00
4.1.6- Outras Imobilizações	872,10
<b>Total R\$</b>	<b>1.860,10</b>

4.2- Intangível	
4.2.1- Programas de Computador	0,00
<b>Total R\$</b>	<b>0,00</b>

**Total Geral dos Investimentos R\$** 1.860,10  
**5- Resultado Geral do exercício 04.2015 (3-4)** 82.741,58

Os valores contidos neste relatório estão por Regime de Caixa. Regime de caixa é o regime contábil que apropria as receitas e despesas no período de seu recebimento ou pagamento, respectivamente, independentemente do momento em que são realizadas.

## CARTAS DOS LEITORES

Críticas, sugestões de pauta e comentários >>> [jornaldoprofessor@adufg.org.br](mailto:jornaldoprofessor@adufg.org.br)

*Eu gostei do novo site da Adufg Sindicato, e mais, de ver a foto do professor Joel Ulhôa na capa do Jornal do Professor. Meus parabéns pela realização.*

**Milton Muniz**, professor da UFSC

*Agradeço pelo destaque de página inteira da reportagem “Medicina Tropical negligenciada”, na última edição do Jornal do Professor. Mas confesso que fiquei muito triste, não entendi porque foi excluída questão importantíssima para o meio acadêmico, científico e profissional, a respeito dos atributos do médico tropicalista ou tropicologista. Este avalia as doenças tropicais (incluindo as infecto-parasitárias e outras não) de uma forma mais integrada e humanista (clínica, epidemiologia, laboratório e campo “extra muro”). O médico infectologista se constitui num profissional discriminatório, que dá preferência às doenças infecciosas e limitando-se principalmente às virais ou bacterianas, excluindo a maioria das parasitárias e micóticas (doenças dos “excluídos”, dos “pobres” ou “vulneráveis”), o que denota não apenas negligência das mesmas, senão também a fundamentação de uma cultura, diria, até certo ponto e tristemente mercantilista. Fiquei na dúvida se houve censura. Acima de tudo, recomendo que este assunto polêmico seja oportunamente tocado no JP. Contudo, agradeço. Cordiais saudações tropicalistas,*

**Marco Tulio García-Zapata**, professor IPTSP (foto)



Marcelos Aquino

**Nota da redação:** O JP esclarece que a referida passagem da entrevista foi retirada exclusivamente por uma questão de diagramação e fluidez de leitura, considerando que o texto original ultrapassava em tamanho uma página inteira. Não há censura no JP.

*Fui tomado por uma satisfação medonha ao ver a reportagem (“Das prateleiras para a democracia”, publicada na última edição do Jornal do Professor). Principalmente porque foi uma matéria justa com a história, sem exageros, focada no processo de redemocratização da UFG. Muito obrigado!*

**Joel Pimentel de Ulhôa**, ex-reitor, professor aposentado do antigo ICHL

# RESPINGOS

Notícias do movimento docente, da vida na UFG e de questões jurídicas sobre o magistério superior

## Brecha

O departamento jurídico da Adufg Sindicato entrou com ação individual para defender professor que se aposentou sem receber licença-prêmio não gozada. Docentes que passaram pelo mesmo: procurem o sindicato.

## ‘DCE não representa’

Estudantes têm formado comissões especiais, organizadas ou não por CAS, para negociar com a administração da UFG. “O DCE não está representando”, diz um servidor da reitoria.

## Engrossar o movimento

Na Regional Jataí, professores ligados ao Andes reuniram estudantes e técnico-administrativos, além de docentes, para uma assembleia de greve.

## Interesse casado

As ações do Andes, de estourar uma greve nacional a qualquer custo, interessam muito a grande imprensa, cujo objetivo é minar o governo federal.

## Imbecis com voz

Ao receber o título de doutor honoris causa em comunicação da Universidade de Turim, o filósofo Umberto Eco disse que a Internet dá direito à palavra a uma “legião de imbecis”.

## Calado!

“Normalmente, eles (os imbecis) eram imediatamente calados (antes da televisão e da Internet), mas agora eles têm o mesmo direito à palavra de um Prêmio Nobel”, disse, segundo a UOL.

## Quadra 88

A Justiça Federal determinou às 53 famílias que moram na Quadra 88 do Setor Universitário, que também tem instalações da PUC-GO, que saiam sem direito à indenização. A área pertence à UFG. Cabe recurso.

## Lento

Professores reclamam que portarias de progressão e de promoção de carreira estão empacadas na administração. A Adufg Sindicato pede celeridade nestes processos.

## Terceira na história

Eunice Aparecida de Jesus, é a terceira professora negra na história da Faculdade de Direito da USP. “A universidade que se organize e ponha todos seus esforços para incluir as pessoas”, diz, sobre as cotas raciais.

## Seminário católico

A PUC-SP negou cátedra ao filósofo francês Michel Foucault. “Se a PUC quer agir como um seminário católico, então ela deve abrir mão de seu credenciamento como universidade”, disse Vladimir Safatle.

## Maioridade penal

Assembleia geral da Adufg Sindicato aprovou moção de repúdio ao projeto de redução da maioridade penal. Pedido da professora Ana Lúcia, aposentada da Faculdade de História.

## CUT à distância

A relação da Adufg Sindicato com a CUT não é das melhores. Começou azedar quando a central apoiou a chapa opositora ao sindicato nas últimas eleições.

## EBSERH AINDA NÃO ‘SALVOU’ O HC

O contrato da Ebserh com o Hospital das Clínicas (HC-UFG) – defendido à época como salvação para o hospital, mergulhado em dívidas e com dificuldades de contratação – previa realização e contratação por concursos até o fim do primeiro semestre de 2015. Não aconteceu. O hospital ainda não recebeu um centavo do Programa Nacional de Reestruturação dos Hospitais Universitários (Rehuf, espécie de Reuni dos hospitais) e ainda sobrevive dos recursos do SUS. A administração da UFG espera que os concursos sejam realizados no segundo semestre e que os novos contratados comecem a trabalhar em 2016.

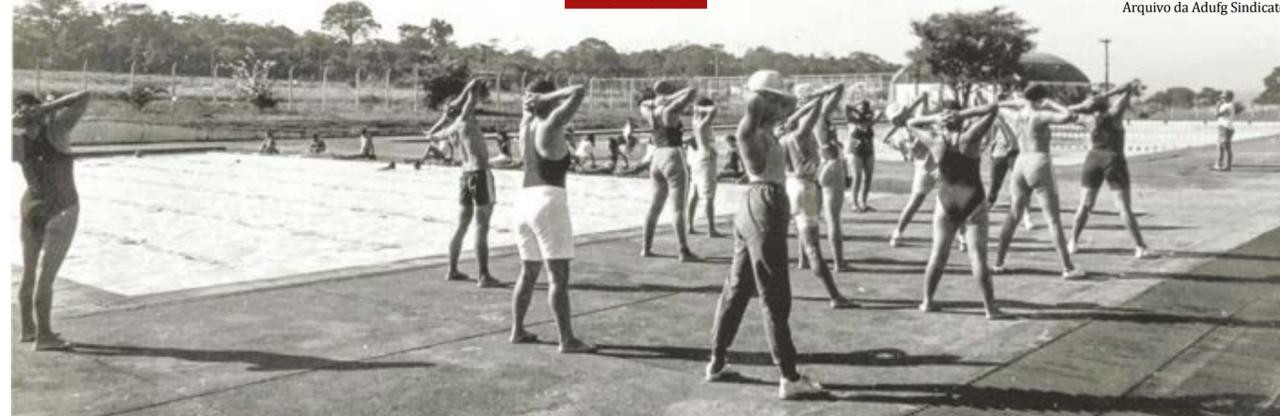
## Chef Neucírio



Marcelos Aquino

*Diretor do Instituto de Química, Neucírio Azevedo, preparou, na copa do IQ, a macarronada à bolognesa que marcou a despedida de Betânia Romão. Após dois anos de casa, a servidora técnico-administrativa fora transferida para a UFU. “Gente boa demais da conta”, disse o diretor. Despedidas de colegas motivam confraternizações na unidade.*

## Memória



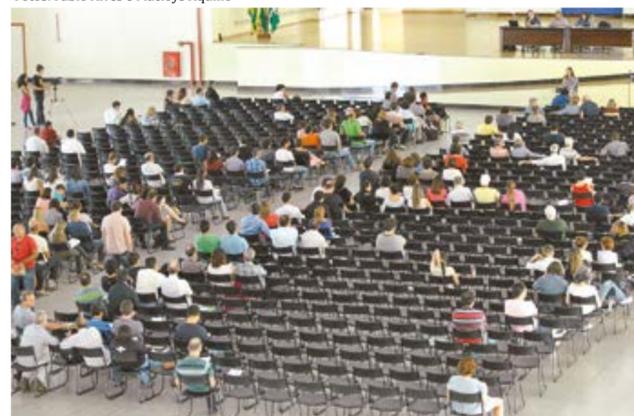
Arquivo da Adufg Sindicato

## Aberta ao público

Alunos da comunidade externa participam de treinamento na Faculdade de Educação Física, nos anos 80. Nesta edição trazemos reportagem sobre a nova pista de atletismo da unidade, que atrai profissionais e amadores de Goiás e de outros Estados. Confira na página 13.

# Professores da UFG em

Fotos: Fábio Alves e Macloys Aquino



Sessão vazia indica que, apesar da decisão, não há sentimento de greve na UFG

Em assembleia da Adufg Sindicato, docentes filiados e não filiados decidiram deflagrar greve geral e indeterminada na UFG a partir do dia 1º de agosto, caso o governo não apresente propostas que contemplem as pautas da categoria até lá (*leia mais na página 10*).

A sessão, realizada no último dia 23 de junho, no Centro de Cultura e Eventos da UFG, aprovou a greve por contraste. Uma contagem de votos se deu para apurar se a paralisação seria imediata ou com data definida.

Por 112 favoráveis, 65 contrários e quatro abstenções, a assembleia decidiu pelo prazo. A decisão segue movimento nacional. Com poucas perspectivas de negociação com o governo, o Proifes-Federação indicou a greve a todos os sindicatos filiados, o caso da Adufg Sindicato.

Apesar da decisão, a assembleia era vazia, o que indica que não há, ao menos por enquanto, sentimento coletivo de greve na UFG. Pequenos grupos de professores, capitaneados pelo Andes nas regionais Goiás e Jataí, já haviam declarado greve no fim de maio.

"A greve precisa ser construída. Não podemos brincar de greve, sob risco de perdermos credibilidade", disse o professor Romualdo Pessoa, autor da proposta aprovada, com indicativo a partir do dia 1º de agosto. A assembleia durou três horas e ocorreu tranquila.



Renata de Lima Silva, professora da FEFD, observa a mesa



Alison Cleiton, do Serviço Social (Goiás), protesta com corneta, bandeira e adesivos



Luis Sérgio Duarte, da FH: indignação contra a direita



Da Regional Goiás, Jaqueline protestou com dança e não participou da assembleia



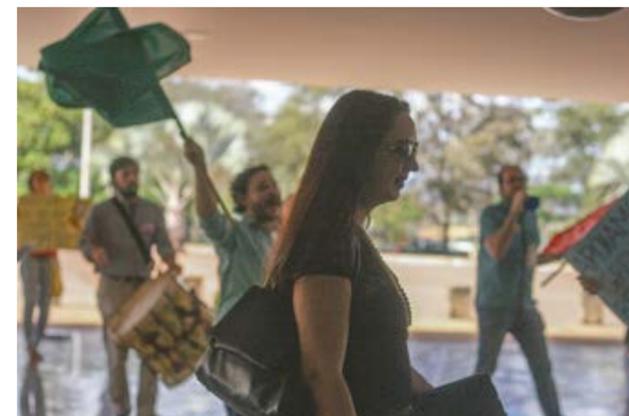
Professora Andréa Sugai, da Fanut, atenta à assembleia



Mesa observa professores votando a favor do indicativo para agosto

# greve a partir de agosto

Fotos: Fábio Alves e Macloys Aquino



Ex-presidente da Adufg Sindicato, Rosana Borges chega à assembleia



Jaqueline, professora e ex-técnico-administrativa da Enfermagem



Presidente da Adufg Sindicato, Flávio Alves da Silva conduz a mesa



Vice-presidente da Adufg Sindicato e do Proifes-Federação, Daniel Christino



Karine Moraes, diretora da FE, fala sobre movimento nacional



Ana Lúcia da Silva, ex-diretora da Adufg e aposentada da Faculdade de História



Romualdo Pessoa, do IESA, autor da proposta do indicativo para agosto



Professores votam pela deflagração imediata da greve

# Pior cenário exige mais mobilização

*Universidades podem ter cortes de 50% no capital e de 10% no custeio a partir de agosto, quando será necessária intensa articulação da categoria*

A decisão pela greve de docentes na UFG a partir de 1º de agosto, tomada em assembleia geral da Adufg Sindicato no fim de junho, foi o indicativo de um estado de mobilização para engrossar um movimento que pode se romper a partir do segundo semestre. A Regional Jataí decidiu pela greve na mesma data.

Tudo depende ainda de o governo federal atender minimamente à pauta apresentada pelo Profies-Federação, o que até agora não se confirmou. Pelo contrário, a federação viu naufragar, no final de junho, sua proposta de pauta.

A pauta, que prevê – além de vários itens sobre reestruturação da carreira – reajuste real de 4% mais a correção da inflação (entre 8% e 9%), foi respondida com uma proposta de reajuste em quatro anos de 5,5% para janeiro de 2016; 5% para janeiro de 2017; 4,75% para janeiro de 2018; e 4,5% para janeiro de 2019.

“Isso é uma afronta à nossa proposta, não corrige sequer a inflação. Com certeza será rejeitada por toda base”, disse o presidente da Adufg Sindicato, professor Flávio Alves da Silva. Antes mesmo da proposta, o Profies já havia indicado greve a todos os federados, respeitando a autonomia de base estadual de cada sindicato local.

A avaliação da diretoria da Adufg é de uma greve inevitável a partir do segundo semestre, caso o pior cenário se confirme: sem acordo salarial, os efeitos negativos do ajuste orçamentário do governo da “Pátria Educadora” seriam mais drásticos entre docentes.

A informação é de um corte de 50% no capital (dinheiro para investimento em obras e equipamentos) e de 10% no custeio das universidades (dinheiro para pagar folha, terceirizados, contas de energia, água, telefone...). A promessa do governo, no início do ano, era manter o custeio.

Na UFG, a administração se prepara para o cenário de adversidades e já estabeleceu prioridades: preservar pagamentos de bolsas, terceirizados e a conta de energia elétrica, caso haja realmente cortes no custeio.

“Nestas áreas prioritárias, o governo deverá ter o cuidado de manter o orçamento. Claro que não resolve o nosso problema, até porque carregamos problemas de anos anteriores. Ano passado, por exemplo, a UFG e outras universidades não tiveram todo seu orçamento liberado”, ressalta o reitor Orlando Amaral.

O Ministério da Educação (MEC) inclusive já teria destacado o secretário de Educação Superior, Jesualdo Pereira Farias, para mapear a situação financeira de cada universidade federal brasileira, para avaliar os possíveis efeitos dos cortes. “Espero que isso nos ajude”, diz Orlando.



Diretores da Adufg Sindicato sentam-se com o reitor Orlando Amaral: projeções para segundo semestre

“NAS ÁREAS PRIORITÁRIAS, O GOVERNO DEVERÁ TER O CUIDADO DE MANTER O ORÇAMENTO. CLARO QUE NÃO RESOLVE O NOSSO PROBLEMA, ATÉ PORQUE CARREGAMOS PROBLEMAS DE ANOS ANTERIORES”

**ORLANDO AMARAL**  
Reitor da UFG

“A GREVE DEVE OCORRER DENTRO DE UM PRINCÍPIO DE RACIONALIDADE. NÃO PODE TER COMO OBJETIVO DESGASTAR O GOVERNO E FAVORECER CERTAS FACÇÕES DA ESQUERDA”

**DANIEL CHRISTINO**

Vice-presidente da Adufg Sindicato

▼ **Números que acendem alerta**

**50%**

deve ser o corte aplicado no capital das universidades

**10%**

pode ser o corte aplicado nas verbas de custeio das Ifes

**5,5%**

foi o reajuste proposto pelo governo, para 2016

**4%**

é a proposta de reajuste real do Profies, fora a inflação (até 9%)

## ‘Greve não pode atender interesses de partidos’

Com expectativas de negociação da pauta do Profies-Federação naufragadas até o início de julho e a emissão de sinais cada vez mais negativos por parte do governo, a Adufg Sindicato espera que um movimento orgânico tome conta das bases, com debates pautados exclusivamente nos interesses dos professores. A dificuldade será a mobilização ocorrer em julho, durante as férias.

“A greve deve ocorrer dentro de um princípio de racionalidade. Não pode ser uma greve para se estender dois, três meses, com objetivo de gerar desgaste ao governo e favorecer certas facções da esquerda, cujo objetivo é ter mais espaço político”, diz o vice-presidente da Adufg Sindicato e do Profies-Federação, o professor da FIC-UFG Daniel Christino.

A avaliação do sindicato é que, capitaneados pelo Andes e por partidos como o PSTU e o PSOL, grupos locais polinizam uma greve sem debate, com objetivo exclusivo de gerar insatisfação, que muito interessa a grandes veículos de comunicação cujo objetivo é desgastar o governo politicamente.

“Não podemos entrar nesse jogo. Não se trata de ganhar espaço político, mas de entrar numa greve por motivos justos, que defendam as causas dos professores”, ressalta Daniel. “Os professores precisam se mobilizar, é urgente”, conclama o presidente da Adufg Sindicato, Flávio Alves da Silva.

# Desgastante trabalho docente

*Atividade de professor tem diversas fontes estressoras que podem levar ao adoecimento mental. Emílio Facas, da Faculdade de Educação (FE), doutor em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, fala sobre a relação do trabalho acadêmico e as patologias da mente*

**Jornal do Professor - Qual a relação entre trabalho e adoecimento mental?**

**Emílio Facas** - A gente pensa essa relação como o fim de um processo subjetivo de relação entre a pessoa e o trabalho. É importante pensar isso não como uma relação estritamente técnica. Temos que pensar a pessoa como um sujeito, não como uma peça em um processo puramente técnico. Quando pensamos em saúde de maneira geral, algumas instituições negligenciam um pouco o termo saúde no trabalho. Quando falamos de adoecimento no trabalho, é algo que tem sua origem ou causa no trabalho. São as condições de trabalho, o material, as condições econômicas, normas, regras, ritmo de trabalho. Temos que contemplar as relações que esse indivíduo tem com o trabalho. Um conceito que precisamos entender é a organização e dinâmica do trabalho do indivíduo. Essa organização é a causa do processo que pode levar a resultados positivos para o trabalhador, mas pode também levar a um processo de adoecimento mental e físico.

**JP - Quais os elementos dessa dinâmica no trabalho docente?**

**Emílio** - Por exemplo, dar aula. Quando a gente pensa na tarefa ‘dar aula’, pensamos em projetar um conteúdo, uma chamada para fazer, hora fixa para trabalhar determinado conteúdo e ementa da disciplina. A gente recebe as diretrizes e começamos a pensar. Quando o professor entra em sala de aula, ele começa a entrar em contato com o real que está além das descrições técnicas. Uma turma difícil. Uma turma que tem problema com determinado professor, com postura agressiva. Equipamento que não funciona e perde-se tempo. Por aí vai... Isso se acumula e gera frustrações na pessoa. São dificuldades inerentes a todos os trabalhos.

**JP - As frustrações são acumulativas?**

**Emílio** - Sim. Uma patologia bastante comum, principalmente em professores, é a Síndrome de Burnout, que é o esgotamento profissional extremo. Está ligada ao acúmulo de situações estressoras. É como se a pessoa pegasse fogo. Quando o trabalhador entra em contato com um problema ele tem basicamente duas saídas: age em cima do problema ou não consegue resolver. E o que leva ao adoecimento são duas situações. Primeiro, se você não pode resolver, o problema persiste. Seja porque é insolucionável ou porque a organização não te permite. Isso a médio e longo prazos pode levar ao adoecimento. Na segunda situação, posso resolver o problema, resolvo, mas se não sou reconhecido por isso, a tendência é se desmobilizar. Sem o retorno e o reconhecimento por aquela ação, o indivíduo deixa de usar esse potencial criativo. Sem a mobilização para resolver os problemas, ele volta para a primeira situação e pode adoecer.

**JP - Quais os sintomas do adoecimento mental no trabalho?**

**Emílio** - O diagnóstico é muito difícil. Primeiro que o sujeito só percebe que está adoecendo quando a situação está crítica. Segundo, existe uma dificuldade histórico/social de compreender processos de adoecimento que não causam sintomas extremos. No final da década de 1990, houve um *boom* de LER (Lesão por Esforço Repetitivo), que depois virou DORT (Doenças Osteoarticulares Relacionadas ao Trabalho). É uma lesão de difícil diagnóstico. Só nos casos mais graves é visível. Sem o braço inchado, só existia o autorrelato da dor. É a mesma coisa na saúde mental. Falar pra um colega que você está frustrado, como isso é visto socialmente? Há preconceito em relação à saúde mental. As pessoas falam: ‘você está triste? Vai fazer uma caminhada, praticar um esporte. Você tem tanta coisa boa, tem que agradecer’. Temos dificuldade de detectar os sin-

tomias. Tem alguns sinais, como dificuldade de se relacionar com o outro, mau humor constante, isolamento ou um sujeito que se torna agressivo, com dificuldade de memória... temos uma série de possibilidades, mas reconhecer que isso é um sintoma e não algo aleatório, casual, demora.

**JP - Quais as fontes estressoras no trabalho docente?**

**Emílio** - A gente tem um desgaste da própria categoria. Houve um desgaste a longo prazo, tanto do ponto de vista da União como da sociedade de maneira geral. Há desvalorização no discurso das pessoas sobre o trabalho docente. Há uma piada comum que exemplifica. Quando as pessoas perguntam qual seu trabalho e você responde que é professor, dizem que você não trabalha. Como assim não trabalho? Existe preconceito. Outro ponto é a própria maneira como a educação é vista. Na universidade pública, boa parte das pessoas que vêm estudar são pessoas que tiveram educação de base em escola particular. Na escola particular, não em todas, mas com muita frequência, a educação é vista como mercadoria. Eu, professor, sou equivalente a um vendedor, sou empregado e já escutei em faculdade privada: “mas eu estou pagando”. Dentro da instituição, a gente tem visto como extremamente problemática a forma com que as universidades públicas expandiram, sem dar condições para que o professor atue. Não é uma crítica à expansão. Se mais pessoas têm acesso à universidade, ótimo. Mas saímos de turmas com 20, 30 alunos, para turmas com 64 alunos. Há uma sobrecarga do professor. A gente é cada vez mais cobrado. E temos a demanda por produção, que é um grande gargalo.

**JP - O volume de produção acadêmica exigido é excessivo?**

**Emílio** - Sim. É preciso rever a política que a Capes e o CNPq colocam sobre a universidade pública. Vou me usar como exemplo: tenho três disciplinas, função administrativa e pesquisa com um número mínimo de publicações. Então, essa discussão não pode ser simplista. As pesquisas demandam tempo. Preciso de tempo para conversar, pesquisar e entender o estudo proposto. Algumas áreas demoram. Em alguns casos, professores produzem pesquisas com métodos mais simples enquanto dividem tempo com pesquisas complexas. Há sobrecarga. No fundo, a médio e longo prazos, a gente está caminhando para as universidades se tornarem somente centros de pesquisa. Como é que a gente se dedica ao ensino e a extensão? Extensão ainda gera resultados para termos produção, mas o ensino permite pouca possibilidade para produção. A gente fala da importância do tripé da universidade, mas está dando grande valoração para a produção. O modelo parece um tanto quanto truncado.

com métodos mais simples enquanto dividem tempo com pesquisas complexas. Há sobrecarga. No fundo, a médio e longo prazos, a gente está caminhando para as universidades se tornarem somente centros de pesquisa. Como é que a gente se dedica ao ensino e a extensão? Extensão ainda gera resultados para termos produção, mas o ensino permite pouca possibilidade para produção. A gente fala da importância do tripé da universidade, mas está dando grande valoração para a produção. O modelo parece um tanto quanto truncado.

**JP - Como deve ser tratado alguém com adoecimento mental causado pelo trabalho, ele deve ser afastado?**

**Emílio** - O ideal é que sim, mas a avaliação deve ser feita caso a caso, porque o afastamento pode piorar a patologia. Se uma pessoa realmente se identifica com o trabalho, mas está em uma instituição que não oferece condições ideais ou sofre assédio moral, tirá-lo daquele contexto é bom, mas o impacto pode ser muito grande. Primeiro é fazer uma avaliação do caso, entender esse processo e ver o que causou o adoecimento. Não adianta afastar o professor e não investigar a causa, porque se ele voltar para o ambiente adoecedor, o problema continua. Esse processo tem que ser feito de maneira cuidadosa. Nesses casos, ainda se trabalha muito com o modelo curativo. São muito insipientes as medidas preventivas, do ponto de vista da saúde mental no trabalho.



Emílio Facas, da Faculdade de Educação: “Temos desgaste da própria categoria”

# Mapa da dança no Brasil

A professora Valéria Figueiredo coordena, junto com o professor Marcio Pizzaro, ambos da Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), o núcleo Goiânia da maior pesquisa de mapeamento da dança nas capitais brasileiras.

Agentes da dança – grupos, indivíduos e instituições –, que atuam na formação e na produção artística em oito capitais brasileiras mais o Distrito Federal, estão sendo catalogados.

O levantamento, que começou em 2014 e termina no dia 11 de agosto, dará base ao maior banco de dados destes agentes no Brasil. Estas informações, além de conectar agentes, darão subsídios a pesquisas futuras sobre aspectos culturais, sociais e econômicos de quem produz dança no país.

Coordenada pelo Programa de Pós-Graduação em Dança da UFBA, a pesquisa é desenvolvida por meio de termo de cooperação técnica entre Funarte/MinC e UFBA. Bailarinos, coreógrafos, produtores e grupos podem participar da pesquisa se cadastrando no site [www.mapeamentonacionaldadanca.com.br](http://www.mapeamentonacionaldadanca.com.br)



Fábio Alves

## Abrasco faz alerta sobre uso de agrotóxicos

O “Dossiê Abrasco: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos para a saúde”, edição 2015, foi discutido no auditório do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais (Iesa), da UFG, no dia 12 de junho. O ato fez parte do encerramento do curso de especialização em Agroecologia e Desenvolvimento Rural e do Seminário de Residência Agrária.

De acordo com a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), o Brasil é o maior consumidor mundial de agrotóxicos e cada vez mais entidades

e instituições ligadas à saúde emitem alertas para os riscos dessa situação. O Instituto Nacional de Câncer (Inca) é um dos que se posicionaram contra as práticas de uso do agrotóxico no Brasil e ressalta os riscos à saúde da população.

Somente com a venda de agrotóxicos, as empresas movimentaram no último ano US\$ 12,2 bilhões no país. Atualmente, cada brasileiro consome, em média, 7 litros de agrotóxicos por ano. Mais informações podem ser acessadas integralmente no site da Abrasco.



Suely Lima

## Brincadeira de ensinar

O universo lúdico é pauta do Laboratório de Arte do curso de Pedagogia da Regional Jataí. As atividades começaram em novembro de 2013 e trabalham com o processo criativo para aproximar futuros professores à arte. Oficinas de educação ambiental, reciclagem e edição de vídeo já foram ministradas.

Até 25 de agosto, fantoches de pano, mamulengos e marionetes são apresentados pela professora e coordenadora do curso, Suely Lima. “O fantoche e a arte de contar história” busca resgatar elementos da oralidade, da arte de contar histórias e criar seus próprios personagens a partir de fantoches.

O projeto de extensão atinge alunos de diversos cursos, como pedagogia, psicologia e educação física. Outras oficinas, como a de reciclagem, são frequentadas por toda a comunidade.

“Sempre trabalhei com essa linha de arte. Temos que unir o futuro professor à arte, para que ele possa ensiná-la”, diz Suely.

A professora programa nova turma e tema para outubro. A ideia é trabalhar o ciclo do papel, desde a fabricação com fibras vegetais até a utilização dele com alguma imagem produzida pelo grupo.

## Homeopatia veterinária forma primeira turma

A Escola de Veterinária e Zootecnia da UFG forma a primeira turma do curso de Especialização em Homeopatia Veterinária em julho. “O uso de medicamentos homeopáticos vem dando bons resultados tanto em animais de companhia como também em animais de produção e silvestres”, explica Romão da Cunha, professor de Homeopatia Veterinária, da UFG.

A homeopatia baseia-se no princípio de que semelhante cura seme-

lhante, e tem fundamentos lançados por Hipócrates – considerado o pai da medicina, que a transformou em ciência ao libertá-la do fanatismo religioso – e pelo alemão Samuel Hahnemann. Johann Joseph Lux, médico veterinário, em 1833, foi o primeiro profissional a tratar animais doentes com medicamentos homeopáticos.

A segunda turma do curso, com aperfeiçoamentos e melhorias, está prevista para o início de agosto.

Fotos: Fábio Alves



A futura mamãe Flórence Faganello, da FEFD, na nova pista de atletismo

Reinauguração da pista fomenta prática em Goiânia e já atrai atletas de outros estados



A professora Flórence simula o lançamento de dardo. Acima atletas na nova pista e, no meio, pista de salto à distância

A reforma da pista de atletismo da UFG colocou a modalidade em destaque na Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD). O azul das instalações reformuladas chama atenção de quem passa pelo local, atrai atletas e estimula o ensino da única prática esportiva presente em todas as edições dos Jogos Olímpicos.

Corridas, lançamentos e saltos ganharam novos adeptos nos últimos três meses, quando as atividades na pista foram reiniciadas. “O atletismo é pouco divulgado. Não tínhamos interesse dos alunos em praticar o esporte e conhecer mais. Com a pista, e só pelo aspecto visual, muitos alunos já vieram me procurar para saber mais e já iniciaram um projeto de extensão”, analisa a professora de atletismo Flórence Faganello.

A obra reestruturou a pista antiga, da década de 1990, com novo piso e instalações. A estrutura estava deteriorada e não tinha o padrão atual. Foi construída uma gaiola para arremessos. A pista obteve certificado “classe 2” da Associação Internacional das Federações de Atletismo (IAAF), nível de excelência. A reforma custou R\$ 8,6 milhões, pagos pelo Ministério do Esporte e foi reinaugurada em maio passado.

A pista da UFG é ideal para atletas de alto desempenho e conquista novos praticantes dentro e fora da comunidade acadêmica. O atletismo exige poucos recursos em algumas modalidades. Nas provas de corrida, por exemplo, basta um par de tênis e disposição. Saltos e lançamentos exigem mais mecanismos, supridos pela nova estrutura.

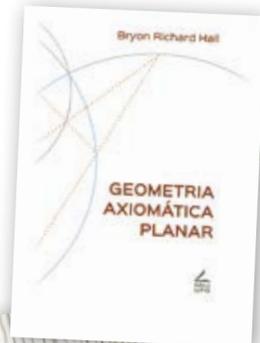
### Formação

Flórence garante que qualquer um pode praticar o esporte. “São muitas modalidades e as pessoas podem se adaptar. O atletismo é completo, trabalha diferentes capacidades físicas e motoras”. Às segundas, quartas e sextas-feiras, a partir das 17 horas, alunos de diversos cursos da UFG treinam no local. As instalações também estão abertas à comunidade.

Um dos benefícios previstos a longo prazo será a formação de profissionais capacitados a trabalhar com o ensino do atletismo. “Hoje, não temos quem trabalhe com todas as provas de atletismo. O ideal seria um profissional para cada modalidade: salto, corrida e arremesso. Temos que pensar a formação de profissionais para trabalhar nessas áreas nos próximos anos e continuar avançando no esporte”, projeta a professora.

A reinauguração da pista fortalece a prática do atletismo não só em Goiânia: a Federação Goiana de Atletismo já utiliza a pista para treinamento, mas atletas de outros estados começam a chegar para treinar na UFG, a exemplo de profissionais de Tocantins que utilizaram o espaço em maio.

Ex-diretora da FEFD, Aneglyce Rodrigues ratifica, segundo notícia do site do Ministério do Esporte, os benefícios das instalações no campo da pesquisa, ensino e extensão. “A qualidade desta pista fomenta o interesse na ciência do esporte, o aprimoramento de técnicas de treinamento e dos resultados dos nossos atletas. É um equipamento que beneficia toda a sociedade.”



## Geometria axiomática planar

**Bryon Richard Hall** / Editora UFG / 344 páginas

Este livro pretende servir para um curso completo de geometria elementar de dois semestres letivos em universidades brasileiras (ou lusófonas) em um formato que visa atender tanto alunos de primeira passagem como outros já experientes e à procura de detalhes mais completos.



## Dias contados

**Celso Antonio Lopes da Silva** / Editora UFG / 192 páginas

Ganhador, na categoria Conto, do Concurso Literário – Coleção Vertentes. O livro é composto por contos que combinam ficção e fatos cotidianos atuais.



## Psicologia e transformação: intervenções e debates contemporâneos

**Domenico Uhng Hur, Fernando Lacerda Júnior e Maria do Rosário Silva Resende (organizadores)**

Editora UFG / 294 páginas

Após cinco décadas de regulamentação da profissão de psicólogo no país, constata-se uma grande ampliação de seu campo teórico e profissional. Historicamente suas práticas tinham um caráter mais técnico e individualista, alienado de seus efeitos políticos e sociais, o que a colocava a serviço dos processos de normatização e codificação social. Entretanto, nos últimos anos, dissemina-se um movimento de crítica e autoanálise que atinge também a Psicologia. Suas teorias e práticas passam por reformulações, e ela assume projetos mais críticos, politizados e emancipatórios. A Psicologia se transforma e busca transformação.



## Vida sertaneja: aspirações metropolitanas - alunos da Universidade de Coimbra nascidos em Goiás

**Sérgio Paulo Moreyra** / Editora UFG / 236 páginas

Este texto, de caráter historiográfico, é o resultado da necessidade de entender a dinâmica e a reprodução de um núcleo socioeconômico periférico do império lusitano, no centro da América do Sul, na segunda metade do Século XVIII, com a intenção de entender melhor a sociedade regional do Século XIX.



## O Grande Governador da Ilha dos Lagartos - Álbum de Fotografia

**Ana Guiomar Rêgo Souza e Kleber Damaso Bueno (organizadores)**  
Editora UFG / 125 páginas

A compilação de frames e fotos que seguem na obra procura alargar e adensar a experiência da produção cênica musical do entremez intitulado "O Grande Governador da Ilha dos Lagartos", apresentado em junho de 2014, em Pirenópolis (GO), no IV Simpósio Internacional de Musicologia e VI Encontro de Musicologia Histórica. A montagem que proporcionou a publicação desse estudo fotográfico resulta da inserção e integração de artistas e pesquisadores multidisciplinares do núcleo de pesquisas e produção cênica Musical da Escola de Música e Artes Cênicas (Emac-UFG), do Núcleo Caravelas de Estudos da História da Música Luso-Brasileira, da Universidade Nova Lisboa, do Laboratório de Teatro de Formas Animadas (Lata), do Laboratório de Musicologia (Lambus) e da coordenação do curso de Artes Cênicas da UFG, modalidade a distância.

# Ação de padre contra Zé Celso gera mal estar entre docentes do Teatro



Alexandre Nunes, pesquisador das relações entre o sagrado e o profano nas artes cênicas: "A arte precisa ter liberdade, senão não é arte"

Professores da Emac criticam pároco goiano, que pede prisão de atores por encenação que ele considerou ofensiva para a igreja

A ação judicial do padre goiano Luis Carlos Lodi da Cruz, de Anápolis, contra o diretor de teatro José Celso Martinez, o Zé Celso, do Teat(r)o Oficina, gerou mal estar e críticas entre docentes do Teatro, da Escola de Música e Artes Cênicas (Emac).

O padre havia se sentindo ofendido após assistir, no Youtube, vídeo da peça "Acordes". Encenada em 2012 na PUC-SP, com autorização da reitoria, a peça – baseada em texto do dramaturgo alemão Bertold Brecht – mostra um boneco, que sugere ser o papa Bento 16, sendo decapitado.

"Não assisti o vídeo, mas surpreende processo contra artistas. O Zé Celso, que tem carreira consolidada, nunca pautou sua arte em moral. Ele sabe bem o que fala e o que faz, e tem respaldo pra isso, pelo enfrentamento da ditadura militar. Agora enfrenta, talvez possamos chamar assim, uma ditadura religiosa", disse a coordenadora de Artes Cênicas da Emac, Maria Angela de Ambrosis.

Para a professora, a arte deve combater todo sistema opressivo, seja político, social ou religioso. Questionada se a arte pode também ser um sistema opressivo, diz Angela: "A arte não trabalha com índices de verdade das coisas, não precisa provar nada que faz, não é ciência", diz.

"A arte tem a função de provocar e isso no âmbito de um sistema autoritário fica mais evidente. Nenhum artista se arvora mais verdadeiro que outro, não é essa a noção da arte. Todos podem ser verdadeiros. Nesse sentido, não compreendo a arte como um sistema opressivo", explica.

"Mas a falta de arte, de crítica, de percepção estética, do belo, isso sim massifica, tira a capacidade de compreender uma experiência estética. Claro que trabalhamos com verdades, trabalhamos com experiência humana, mas não verdades absolutas, nem

“ A ARTE TEM A FUNÇÃO DE PROVOCAR E ISSO NO ÂMBITO DE UM SISTEMA AUTORITÁRIO FICA MAIS EVIDENTE ”



**Maria Angela de Ambrosis,**  
Coordenadora de Artes Cênicas da Emac

dogmas. Vivemos um momento de falta de tolerância, de fundamentalismos. Por isso a atitude desse padre", acrescenta.

Maria Angela é paulistana, fez graduação na PUC-SP. "A universidade tem uma tradição de crítica. Na época da ditadura, teve papel fundamental artístico, político, educacional. Nunca fi-

cou atrás, nunca se intimidou frente aos sistemas repressivos. Agora não será por menos", diz.

Pesquisador das relações entre o profano e o sagrado nas artes cênicas, o também professor da Emac Alexandre Nunes recebeu a notícia do processo com indignação. "Lamentável que no Século XXI ainda tenhamos esse tipo de repressão sobre a expressão artística", disse.

"Falta maturidade para compreender a diversidade de pensamentos, mas falta também maturidade espiritual. Quem teme uma apresentação artística que coloca em discussão uma experiência do sagrado, demonstra fraqueza de compreender a arte e a cultura, fraqueza de diálogo e de compreensão das diferenças", argumenta.

Alexandre ressalta o solidez internacional e a história do Teat(r)o Oficina que, para ele, tem uma preocupação humana a espiritual muito profunda. "Sempre coube à arte o questionamento do status quo da nossa sociedade, da nossa cultura. A arte tem essa função, de tirar as coisas do lugar. A arte não tem função de conformidade com a realidade, pelo contrário".

"A arte precisa ter liberdade, senão não é arte. E o Estado laico é o único capaz de garantir liberdade religiosa, incluindo as formas de ateísmo e exotermismo, mas também a liberdade artística", diz.

Na ação, o padre Lodi, conhecido por seu ativismo contra o aborto e a homossexualidade, pede a prisão dos atores por "escárnio público, por motivo de crença religiosa". Corre no Fórum Criminal da Barra Funda em SP.

Numa primeira audiência, no início de junho, Zé Celso e outros atores do Oficina, também alvos da ação, disseram que a peça não teve intuito de zombar ou escarnecer a fé católica, e que se tratava de uma obra de arte teatral feita num cenário de liberdade artística, garantida pela Constituição.

Fotos: Macloys Aquino

*Gizelda se diverte no laboratório: vida dedicada ao Instituto de Química*

# A matriarca do Instituto de Química

Decana tem a perspectiva de uma unidade em constante transformação no tempo

Maria Gizelda de Oliveira Tavares ama o IQ. Não o prédio, os equipamentos, mas as pessoas que fazem o instituto, colegas, os servidores técnico-administrativos. Principalmente os alunos, responsáveis pela maior parte do sentido dos últimos quarenta anos de docência.

Gizelda é a única da turma dos professores que ingressaram em 1976, no antigo Instituto de Química e Geociências, hoje Instituto de Química. Poderia ter se aposentado em 1998. Mas não. “Fico porque gosto do que eu faço, sou apaixonada por isso aqui, gosto de conviver com os alunos”, diz.

Meninos estes que esgotam, reconhece. “Dão muito trabalho, porque é como se fosse criá-los. O professor universitário hoje está literalmente pegando crianças pra cuidar”, diz. Muitos dos alunos dos primeiros semestres têm entre 16 e 18 anos.

“Não têm maturidade nenhuma. Principalmente emocional. Fazem perguntas tolas, não

tem conteúdo...” É como se fosse um desafio diário de mãe, comparação que ela mesma às vezes se faz. “Não sou de mandar, obrigar ninguém. Não criei meus filhos assim. Gosto de tenham amor pelo estudo”.

Sua maior realização é ver um aluno crescer, acompanhar sua trajetória, assisti-lo ir para um grande centro de pesquisa, para a grande indústria, se destacar. Quantos foram estes alunos que decolaram, ela não tem a conta. Cinco deles são hoje seus colegas no IQ.

Sendo a decana e responsável pela formação ou seleção de parte dos atuais professores, teria o instituto a cara da professora? “Não sei, acho que não, mas foi exatamente o que eu queria fazer da minha vida, não me arrependo de nada nessa vida. As raivas que passei, já esqueci. Os prazeres ficaram”, conta rindo.

Madrinha da primeira turma do curso de Química (ela formou-se farmacêutica e bioquímica, como a maior parte da velha guarda do ins-

tituto), Gizelda tem sempre a perspectiva de um instituto em constante movimento e transformação. Para melhor, considera.

Mas as diferenças de gerações entre alunos e docentes lhe são intrigantes. Os estudantes de hoje têm muito facilidade de acesso a informações, mas seriam mais imaturos. “Minha geração foi mais batalhadora, até pelas dificuldades, que eram maiores. A universidade era muito mais limitada”, conta.

E os professores de hoje teriam menos espírito de coletividade, de família, em comparação aos de sua época. “Gente, isso aqui é uma casa. É onde passamos a maior parte dos dias. Aliás, passamos mais tempo aqui que em casa. Então o clima tem que ser gostoso. Mas hoje o pessoal mais jovem tem muita competitividade”, reflete.

“Já vi professor jovem dizendo ‘ai, não vejo a hora de aposentar’. Eu falo ‘gente, não acredito, tão novo, com esse pensamento tão velho’. Eu não entendo”.

## Engajamento nos estudos de impacto ambiental



*Gizelda observa aquários: amor pelo que faz*

Nas últimas décadas, Maria Gizelda tem se dedicado a estudos que conectam a Química a outras ciências como à Biologia, a chamada Química Ambiental. Ela é a responsável pela montagem do laboratório de análises e estudos de impacto ambiental, uma menina dos olhos para a professora. Ali, ela, seus orientandos e alunos verificam os efeitos de elementos químicos – como gasolina, detergentes – em células de algas e peixes, espalhados por dezenas de aquários.

Ela toma a reportagem do Jornal do Professor e transita pelo laboratório. Explica a função de cada equipamento, recipiente, reagente, com a empolgação de quem acaba de aprender e se sente apto a ensinar.

“Eu aprendi ensinando mesmo. Quando comecei, levava meus alunos para os laboratórios do Ministério da Agricultura, para as aulas de Química Instrumental, porque não tínhamos equipamentos aqui”, lembra.

Gizelda voltava à explicação dos processos de alteração celular nos peixes em contato com substâncias quando entrou atrasada uma de suas orientandas no laboratório. “Quem mandou ser famosa”, comentou a aluna, ao ver a professora sendo fotografada. Talvez quisesse dizer “querida”. E Gizelda encerrou a conversa com o jornal, voltou à labuta.

“Só paro na compulsória”, disse. Ainda lhe faltam dois anos.